

O PORTUGUESÍSSIMO NOME DE MARIAS

por MARIA VELHO DA COSTA

«L'inconscient précède le conscient et la logique du processus historique objectif précède la logique subjective de ses protagonistes.»

Rosa Luxemburgo

«Allors un jour, nous nous sommes retrouvées entre femmes et nous avons choisi de parler de ces choses-lá.»

Manifesto Feminista. 1972

First Witch — When shall we three meet again
In thunder, lightning on ir rain?

Second Witch — When the hurlyburly's done
When the battle's lost and
won.»

Macbeth. I Acto. I Cena

Ao princípio ninguém de nós sabia o que fazia. Era aqui. Era o ano de 71. Era a abertura, greta mal sabida. Era a querer uma festa e um trabalho e umas casas. Éramos três mulheres burguesas que se desapartam noutros entreténs, no

Logo logo se soube, aqui sabe-se sempre isso e talvez em toda a parte, que meter-se em tarefa comum e sujeitar-se às regras delas em diminuto grupo é grande risco. Pequena célula

(Continua na pág. III)

O PORTUGUESÍSSIMO NOME DE MARIAS

(Continuado da pág. 1)

aberrante no corpo dos escritores desapartados, no corpo das mulheres burguesas que se desapartam noutros entretens, no corpo das mulheres «tout court» que só se apertam para complicitades relezinhas, no corpo dum país onde só duram coesas as células mais ameaçadas. Não sabíamos o que fazíamos, mas escolhemos ir vendo, obedecer à disciplina manamente aceite, tão pouca, tão difícil — falar todas as semanas a horas certas, a oito, comer ao menos uma vez publicamente, trazer tudo o que escrito houvesse às outras duas. Tão pouco. Tudo duro e alegre como casa de marias e quinhas, atelier de costura de patroa rica, pátio de escola primária número dez, feminina, bicha de operárias conserveiras. O que viesse vinha.

E veio. Tudo o que acontece quando a multidão é de três — os conjuntos, os três também malignos conjuntos de duas contra/face à outra, a competição do papelzinho meu, papelzinho vosso, a frieza de pinha do «eu é que sei», o hábito da presença tríplice controlada. Mas, o júbilo permanente, o pasma, de aquilo ir durando e aguentando, célula nutrida até do esgar em torno e agora sei de quê — terra sabida e triste onde grupo que tenta durar vivo tem que morrer. País onde tudo o que é comunal e fecundo é maldito. Terra que não aguenta expressas a raiva e a maldade que estão também em toda a criação conjunta. Canteirinho de sentimentos bons onde ninguém sabe gerir a violência senão pela paixão ou a ruptura. Onde cada um não aguenta a mesquinhez dos outros por demasiado terror da própria. Onde todo aquele que intervém a criar é melhor que todo aquele que intervém a criar e por isso só os que estão para conservar e destruir, esses, estão juntos.

Mas éramos mulheres. Tão pouco a perder. Tão calhadas para essa festa que é a memória dos lugares humildes da casa, de todas as casas, serras e cidades — a cozinha, a cama dos miúdos. Tão certas desse horror que é o homem de pé contra seu próprio direito ao abandono, tão difícil amigo. Tão fechadas, freirando, mas como um penho para saudar a rua. Tão sabedoras do delito que estávamos cometendo, suspensa desde logo sobre nós uma sentença porque não lutávamos pelo privilégio só, porque não lutávamos pelo sexo só, porque não lutávamos pela mudança das estruturas políticas só, ou condição feminina só, ou direito à experiência e expressão escrita só. Porque não lutávamos só. Era um tão grande perguntar e nem tudo ficou escrito. Porque era porque sim. Um ir praticando o ir sabendo. Fidelidade a um tempo grotesca e seriíssima — célula-base irrompendo sem tino em corpo que a não queria — cancro novo em corpo de lepra lenta.

Assim foi e é e nada está perdido, ainda que se perca a coisa celular, isto do processo à venda, espasmódicas campanhas, e tentar e tentar e escorçoada em força. Há tribunais abertos e celas prontas a quem se dá a mão ainda que suada de medo, reles de competição até na solidariedade. Mas mão dada não esquece calor rude disso, ainda que lhe venham luvas, veludos de cargos bem pagos durante os outro quatro ou quarenta anos, as outras boas isoladas obras, amargos de não saber com quem, ou não poder. Quem esteve junto não esquece que o choro e a gargalhada legítimos estão na busca acaso cega e azelha do que é justo e fraterno e tão para todos quanto possível, que outros homens e outras mulheres novíssimos somos todos nessa lembrança do exercício do querer conjunto à escuta de todos, amor público — o estar político sempre e sempre adiado. A cinco, a dez, a vinte e cinco, a vinte e oito de todos os outubros.